

# Admirável Mário de Andrade

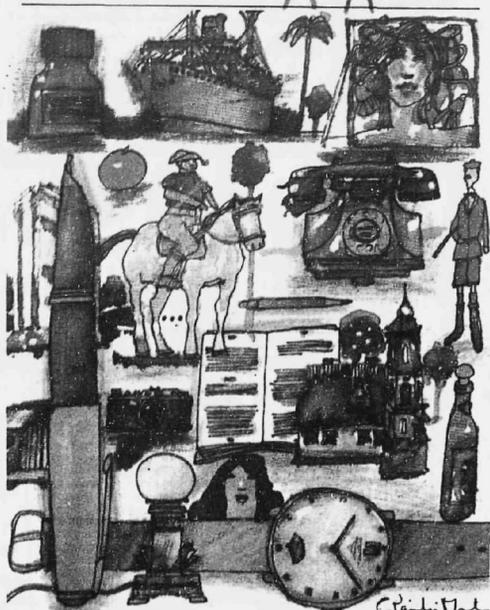
JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS

Cartas de Mário de Andrade a Luis da Câmara Cascudo, introdução e notas de Veríssimo de Melo. Villa Rica (Belo Horizonte/Rio de Janeiro), 1991. 171 páginas.

Quarenta e seis cartas escritas por Mário de Andrade a Luis da Câmara Cascudo, entre 14 de agosto de 1924 e 3 de janeiro de 1943, dois anos antes da morte do grande poeta e figura de primeiro plano do Movimento Modernista do Brasil, constituem um notável documento, agora editado com introdução e notas de Veríssimo de Melo. Trata-se, com efeito, de uma obra interessantíssima, sob vários aspectos, inclusive para o conhecimento da tão viva, tão humana e tão polifacetada personalidade do autor de "Macunaima".

Como Veríssimo de Melo assinala na introdução, as cartas — as mais das vezes com trechos magníficos e *saborosíssimos* até na escrita — servem também para "comprovar amplamente o que já prevíramos em várias oportunidades, mesmo antes de conhecê-las: a influência decisiva que ele exerceu na orientação dos estudos folclóricos de Luis da Câmara Cascudo". É claro que Veríssimo de Melo, um dos melhores conhecedores da obra de Cascudo, valoriza este aspecto. Sendo certa que a inversa também é verdadeira. De tal modo que Mário de Andrade escreve, em certo momento (11/6/1934), ao seu amigo: "Não é isso não minha íntima realidade, você nas entrelinhas provou bem, minha realidade é muito outra, dum antecaducémico pesquisador, e utilizando desse profundamento humano que é a facilidade de errar: só isso me deu um alívio tamanho que você nem imagina. Foi um benefício enorme, e que devo exclusivamente a você. E lhe devo também outro favor enorme, uma nova facilidade de compreensão de mim, e que é o *excessivo* *abusivamente* de mim me estava fazendo perder. Estou outra, estou mocinho, estou virgem, uma vibração nova danada. E até entusiasmado de mim, num entusiasmo novo, que o perene

## Cartas de Mário de Andrade a Luis da Câmara Cascudo



entusiasmo em que vivo me fazia não notar mais. Você me deixou profundamente generoso e profundamente humano, com o seu escrito, isso é que é. E lhe sou comovetamente grato. Os dois trocam ideias, sugestões, palavras amigas, críticas — sobretudo de Andrade a Cascudo, aconselhando-o a deixar outras escritas menores dedicando-se antes a investigar e escrever sobre o seu Nordeste, sobretudo o seu folclore. Aconselha-o também a mudar verbos dos poemas que o amigo lhe manda... E depois de numas das cartas (4/10/1925) lhe fazer uma dessas sugestões, o poeta de São Paulo revela ao seu amigo de Natal esta raceta curiosíssima: "Não se zangue de eu estar propondo mudanças no poema que é seu. O Manuel e Drummond é uma porrada de outros amigos fazem isso comigo e eu com eles sem nenhuma cerimônia. É lógico que nenhum tem obrigação de aceitar tudo o que os outros propõem. O certo é que eu mesmo devo muito pra eles, principalmente Manuel, que me querendo muito bem é absolutamente impedido comigo, não deixa passar nada. Assim também faço com você. Prova de amizade que não obriga você a coisa nenhuma, está visto. E que só serve pra gente ir ficando cada vez mais cutuba e distorcido na arte que escolheu, não acha? Refletir nunca fez mal pra ninguém". De salientar ainda a constante obrigação do poeta de sua humanidade e riqueza interior, a profundidade de alguns reflexos feitos ao correr da pena, a paixão pelo seu país e pela sua pátria, a ironia (ou até sarcasmo) inteligente e lucido — como quando se refere a Mannetti, quando da sua visita ao Brasil —, certas revelações sobre a sua vida etc. Um livro fundamental, editado com a chancela Villa Rica (Belo Horizonte — Rio de Janeiro), e que muito nos apraz registar, tanto mais ser Veríssimo de Melo um estudioso nobre e feroz, já com uma vasta bibliografia (...).

■ José Carlos de Vasconcelos é diretor-editorial de *JL — Jornal de Letras, Artes e Ideias*, de Lisboa (Portugal). O presente texto foi transcrito do nº 493, edição de 23.12.91, contracapa.



## ALGUMAS CITAÇÕES

com, mais reverendo às cartas de Mário de Andrade a Câmara Cascudo, muito mais havia a dizer: Porém, como o espaço já não o consente, penso que o mais significativo e revelador será transcrever excertos de algumas daquelas missivas: "Se se pudesse desaguar de suas sedas retóricas o cérebro dum parasita, meu Deus, quanta mancha azul"; "Fui racheado de literatura. Reagi. Revoltei-me. Chamaram a isso de futurismo"; "Tem momentos em que eu tenho fome, mas positivamente fome física, fome estomacal do Brasil agora. Até que enfim sinto que é drole que me alimente (...). Queria ver tudo, coisas e homens novos e velhos — excepcionais e vulgares. Queria ver, sentir cheirar: Amaná já amo"; "Andar feliz sentido alma (sentida alma é horrível. É só para viver com calma! Diga pra ele que mande a merda essa alma e escreva 'alma sentida' que é muito bonito!"; "A versificação livre saiu bebada dum vez (...). Não é bem

verso livre e verso arbitrário sem justificação nenhuma nem mesmo psicológica"; "É doce viver a existência do amigo"; "É uma evocação muito legítima do mesmo simultânea brasileira e os jacares me vieram no limbo sem culpa minha"; "Escrever sem consentar depois o que a própria rapidez e veemência da inspiração enfraquece não da coisa boaz que nunca"; "Tenho duas roupas novas, uma capa impermeável e um sobretudo que me deixa muito confortável"; "Só uma desculpa vez pode ter: já se sabe: amor (...). Já se que toda explosão estraga mais o explosivo que o alvo"; "Gostava mesmo era deitar esta cabeça fatigadíssima no colo carnoso de nossa mãe daí pra dormir, abandonado pelos anjos que andam em volta dela"; "Admirável Mário de Andrade!